

Maria da Conceição Tavares. Vida, ideias, teorias e políticas.

Hildete Pereira de Melo (Org.).

São Paulo: Centro Celso Furtado/Fundação Perseu Abramo/Expressão Popular, 2019.²

O livro que o Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, a Fundação Perseu Abramo e a Editora Expressão Popular publicam em homenagem a Maria da Conceição Tavares, neste ano de 2019, expressa o reconhecimento da comunidade acadêmica brasileira ao talento da maior economista do Brasil, de Portugal e da América Latina. Espírito inquieto, inconformado e utópico, Maria da Conceição Tavares viveu todas as vicissitudes e virtudes do século XX. As guerras, a democracia, as relações patriarcais e o desenvolvimento espetacular das forças produtivas do pós-guerra de 1945 e a construção da democracia liberal.

Como uma das fundadoras do Centro Celso Furtado, foi e é uma fiel seguidora das ideias e políticas do Mestre Furtado, como ela carinhosamente o chamava. Esta coletânea tem como objetivo o resgate da obra da Mestre, como também Conceição é chamada, e do significado desta para o pensamento econômico brasileiro. Mas esta coletânea tem uma peculiaridade. Foi elaborada com ela. Discutiu-se com a Mestre o que ela achava que teria sido sua contribuição ao pensamento econômico brasileiro e latino-americano. Assim, o projeto proposto pelo Centro Celso Furtado tanto buscou prestar uma homenagem à trajetória de economista e professora, quanto permitiu que ela própria refletisse sobre seus escritos e o significado deles. Isso exprime sua originalidade. Assim, essa construção foi pensada e elaborada com ela,

1. Doutora em Economia e Professora Associada da Faculdade de Economia e do Programa de Estudos Pós-Graduados em Políticas Sociais da Universidade Federal Fluminense.

2. Livro no prelo. Lançamento previsto para agosto de 2019.

que escolheu os textos mais significativos de sua obra. Sua execução e análise couberam ao trio formado por docentes de Campinas, Niterói e do Rio de Janeiro, que comentam sua trajetória intelectual, docente e política. E, por último, foi feita uma “cronologia” de sua vida quase nonagenária. A estrutura da coletânea está apresentada nos itens seguintes.

Na Introdução, Fernando Nogueira da Costa, aluno dela no mestrado e no doutorado do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), hoje professor desse instituto, afirma que suas aulas propiciavam um *brainstorming* de ideias sobre tudo e todos. Havia *insights* fantásticos, aos borbotões, sem tempo sequer para os alunos anotarem. Assim seus alunos aprendiam a aprender. Estimulados a estudar muito, para enfrentar os desafios intelectuais e também para jamais falar algo sobre a economia brasileira sem mostrar evidência empírica. Com ela não se tratava apenas de “livre pensar” uma teoria pura. Além de “O pensar” ela exigia o “O querer”, isto é, a capacidade de aplicar a teoria para “O julgar”. Esta forma de trabalhar com a sala de aula foi a magia da Professora para o encantamento de seus alunos e alunas com sua postura profissional e política.

Para apresentar a obra de Maria da Conceição de Almeida Tavares, Nogueira da Costa identificou três planos de reflexão, que foram discutidos com ela para demarcar os textos a que ela atribuía os maiores significados teóricos: a **fase Cepal**, a **fase Unicamp** e a **fase UFRJ**. Na primeira, foi privilegiada a questão do (sub)desenvolvimento econômico periférico, em particular a economia brasileira; na segunda, o diálogo crítico com Marx, Keynes e Kalecki, autores importantes da tradição da Economia Política. Nessa fase ela rompe com a visão cepalina de determinantes externos e sua análise recai sobre os limites nas decisões de investimentos sem autonomia financeira e tecnológica. E a terceira a análise contempla a (des)ordem econômica mundial. Dessa forma, seus principais temas são: a relação centro-periferia, revelada no balanço de pagamentos; ciclo e crise: movimento limitado pelo grau de industrialização nacional; problema do financiamento das empresas não financeiras e a geoeconomia e geopolítica internacional.

Com estas ideias-chaves, Fernando Nogueira da Costa desenhou a seguinte metodologia: analisou as mudanças na pauta de importação relacionadas às alterações na estrutura produtiva; as relações entre ciclos e crises econômicas, concentração oligopolista de empresas não financeiras e centralização do capital financeiro, problema

de financiamento, distribuição de renda e riqueza, e, por último, a geoeconomia e geopolítica internacional.

A seção “Itinerários Maria da Conceição de Almeida Tavares” foi escrita pelas professoras Hildete Pereira de Melo e Gloria Maria Moraes da Costa, respectivamente professoras da Universidade Federal Fluminense (UFF) e da Mackenzie-Rio, e narra sua trajetória de vida e intelectual. Nascida em Portugal, no entre guerras, viveu na infância e juventude o terror da ditadura salazarista e, perseguida, escolheu o Brasil nos anos 1950 como pátria. Aqui chegada, em fevereiro de 1954, enfrentou as dificuldades das mulheres casadas para arranjar emprego. Ela chegou grávida e teve uma filha em agosto do mesmo ano. E sua formação matemática e estatística contribuiu para que, inscrita em 1955 num concurso para trabalhar no Instituto Nacional de Imigração e Colonização (Inic), tenha sido aprovada. De 1955 a 1957 dedicou-se às ciências exatas, analisando os dados sobre a propriedade da terra no Brasil. Esse contato com a realidade crua da propriedade de terras foi, em suas palavras, determinante para mostrar que não adiantava nada só saber matemática. Era preciso interferir na economia e na política.

Na impossibilidade do reconhecimento do seu diploma português, fez vestibular e, em 1957, ingressou na Faculdade de Ciências Econômicas da antiga Universidade do Brasil, atualmente Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Dos bancos escolares, ainda estudante, foi requisitada pelo Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico (BNDE)³ para fazer um estudo econométrico sobre a distribuição de renda no Brasil. Nessa análise utilizou a lei de Pareto com o objetivo de analisar as informações do Adicional do Imposto de Renda, destinado ao Fundo de Reparelhamento Econômico. Assim, do trabalho no BNDE e na Faculdade de Economia, como assistente do professor Otávio Gouveia de Bulhões, e estimulada no trabalho pelos ensinamentos de Celso Furtado, Ignácio Rangel e Juvenal Osório abraçou para toda a vida a Economia. Concluída sua graduação em ciências econômicas, em 1960, foi contratada pela então Comissão Econômica para a América Latina (Cepal)⁴ para fazer um curso sobre “Desenvolvimento Econômico”. Ao término deste, foi contratada, em

3. O termo Social foi incorporado ao nome do Banco em 1982, passando a ser designado Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES)

4. Em 1984, a Organização das Nações Unidas (ONU) muda o nome para Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe, sem mudar a sigla.

1961, como assistente do economista chileno Aníbal Pinto, coordenador do escritório da Cepal-BNDE no Brasil.

Ao longo das últimas seis décadas, Conceição foi de longe uma das intérpretes mais expressivas do pensamento econômico da América Latina e, particularmente, da economia nacional. Fosse formando centenas de economistas, pois muitos dos que hoje possuem destaque no cenário nacional foram seus alunos, fosse discutindo a economia brasileira, a economia política e a economia política internacional, Conceição Tavares acompanhou todo o processo de industrialização e de desenvolvimento nacional. Ela teve atuação marcante nos diferentes locais onde exerceu suas atividades, na Comissão Cepal-BNDE, no escritório chileno da Cepal, na Cepal/México e como professora-titular do Instituto de Economia da Unicamp e do Instituto de Economia da UFRJ. Nessas universidades, inclusive, fundou as pós-graduações de Economia e nelas trabalhou por várias décadas, formando gerações de economistas. Essa trajetória lhe deu uma visão do que foi o desenvolvimento econômico no século XX, no Brasil, e também na América Latina.

Na política, participou da assessoria econômica de Ulysses Guimarães, no Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) nos anos 1980, e, no Congresso Nacional, atuou como deputada federal pelo Partido dos Trabalhadores (PT), na legislatura 1995/1999. No Parlamento, não despiu a roupa da “professora” e, nas suas palavras, foi “professora da bancada do PT” durante seu mandato. Por vontade própria, decidiu não se recandidatar e voltou aos corredores e salas do Palácio da Praia Vermelha, onde funciona o IE/UFRJ. Foi uma deputada federal que resistiu às inflexões políticas brasileiras diante do capitalismo internacional e aos interesses divergentes nacionais.

Apresentado o conjunto da obra da professora Maria da Conceição de Almeida Tavares, construiu-se seu itinerário intelectual. Este texto permite aos leitores entrar em contato com as ideias e teorias escritas por ela ao longo de sua trajetória acadêmica. Nossa equipe teve diversas conversas com a Mestra, indagando sobre o que ela reputava ser sua contribuição ao desenvolvimento do pensamento econômico latino-americano e, particularmente, o caso brasileiro. Folheando os livros, Maria da Conceição foi relembando esse tempo e quais as perguntas que havia feito para escrever aquelas notas e, assim, com as trocas de opiniões entre a equipe e ela, foram eleitos os trechos/capítulos de sua obra.

A primeira parte foi dedicada aos tempos em que ela trabalhou diretamente na Cepal aqui intitulada de **Fase Cepal**. Nesta, ela destaca as relações de poder entre os países centrais e periféricos, através da atualização do método histórico-estrutural, com a finalidade de analisar a estrutura produtiva dos países latino-americanos aos choques externos. Fernando de Nogueira Costa destaca que Conceição Tavares, nessa fase, procurou repensar o modelo e o ampliou de forma pioneira, destacando: as variáveis internas representativas de cada país, em especial a presença do setor produtor de bens de capital; as necessidades de financiamento do desenvolvimento e como esse financiamento historicamente específico aconteceu em cada uma destas economias.

Seu primeiro trabalho influente desta fase foi “Auge e declínio do processo de substituição de importações no Brasil”, elaborado em 1963/1964, no escritório Cepal-BNDE, no Rio de Janeiro e, em 1972, publicado no seu primeiro livro *Da substituição de importações ao capitalismo financeiro*. Nessa obra destacava a ideia-chave de que o desenvolvimento não se dá em todos os lugares da mesma forma, seguindo as mesmas etapas. Isto porque as industrializações da Inglaterra (XVIII), Estados Unidos, Alemanha e Japão (XIX) resultaram numa dinâmica de poder no conjunto da economia mundial que condicionou os demais países ao papel *dependente e periférico* deste processo de desenvolvimento. Essas ideias podem ser lidas no texto selecionado “Transformações do modelo de desenvolvimento na América Latina”.

O segundo ensaio, “Além da estagnação”, teve como fio condutor a discussão sobre a ideia de que a estagnação econômica era uma tendência geral que afetaria todos os países latino-americanos. Escrito em coautoria com José Serra, analisava particularmente a tese de Celso Furtado desenvolvida no artigo “Desenvolvimento e estagnação na América Latina: um enfoque estruturalista”.⁵ Segundo sua crítica ao “estagnacionismo”, o declínio das taxas de crescimento da economia brasileira, na ocasião, não representava uma tendência persistente ou secular à estagnação, mas apenas uma crise episódica e/ou cíclica, possível de ser superada com a utilização da capacidade produtiva industrial ociosa. E o fator impeditivo desse processo seria o aumento da produtividade do trabalho apropriado pelos lucros em detrimento dos salários, como demonstra o caso brasileiro. Sobre esse debate, a seleção conta com a

5. Ver FURTADO, Celso. Desenvolvimento e estagnação na América Latina: um enfoque estruturalista. In: BIANCHI, A. et al. *América Latina: ensayos de interpretación económica*. Santiago: Ed. Universitaria, 1969. p. 120-149.

primeira parte do ensaio “Estagnação ou crise?” seguido de “Acumulação financeira, concentração e centralização do capital”, nos quais são apresentados seus argumentos teóricos. Tavares e Serra demonstram, com a análise do caso brasileiro – conhecido como o “Milagre” –, a validade de sua argumentação.

A segunda, a **Fase Unicamp**, inicia-se em março de 1973, com sua volta ao Brasil. Ela retornou após o fim de sua licença da UFRJ e motivada por seu objetivo de retornar à vida acadêmica. Mas a universidade estava silenciada e os focos de resistência eram poucos. Assim, o convite para trabalhar na recém-criada Unicamp foi aceito, ficando dividida entre as duas instituições de ensino e pesquisa. Nessa fase, os escritos selecionados foram fruto desses anos e exprimem os debates com paulistas e cariocas. Esses textos transformaram-se nas suas teses: a de livre-docência e a de professora titular, ambas defendidas na UFRJ.

Foi escolhido o texto “Problemas de acumulação oligopólica em economias semi-industrializadas”. Nas suas palavras, esta reflexão teórica estava apoiada numa redução histórica dos problemas da etapa de crescimento recente em alguns países latino-americanos. O texto analisa os ciclos de expansão em estruturas oligopólicas com poder desigual de acumulação entre empresas estrangeiras e nacionais, públicas e privadas. E o texto “Problemas de inflação e de balanço de pagamento no ciclo de expansão”, ambos publicados no livro *Acumulação de capital e industrialização no Brasil*. Na sequência selecionou-se o primeiro capítulo do livro *Ciclo e crise e o movimento recente da industrialização brasileira*, intitulado “A dinâmica cíclica da industrialização recente no Brasil”, que analisa a dinâmica dos setores produtores de bens duráveis de consumo e de bens de capital do final dos anos 1950 ao auge dos anos 1970/1973. Completando essa fase publica-se um item do texto “A liquidez geral da economia e a crise financeira”, parte do capítulo “O sistema financeiro brasileiro e o ciclo de expansão recente” publicado por ela na coletânea organizada por Luiz Gonzaga Belluzzo e Renata Coutinho, *Desenvolvimento capitalista no Brasil – ensaios sobre a crise*, volume 2.

A **Fase UFRJ** compreende sua produção científica dos anos 1980/1990 e demarca, segundo Possas (2001), sua entrada no debate “poder e moeda” na economia mundial. Fernando Nogueira da Costa chama atenção para sua afirmação que, sendo os Estados Unidos o país emissor de moeda mundial, possuindo o domínio das armas e o maior PIB mundial, ele era, de fato, o “senhor do dinheiro e da guerra”. E, mesmo que

sua liderança tecnológica estivesse ameaçada, conseguia impor seus interesses ao resto do mundo. Sobre esta questão, leia-se seus dois ensaios: “A retomada da hegemonia norte-americana”, originalmente publicado em 1985, e o “Pós-escrito 1997: A reafirmação da hegemonia norte-americana”, este escrito com Luiz Eduardo Melin, ambos publicados em *Poder e dinheiro – uma economia política da globalização*, coletânea organizado por Maria da Conceição Tavares e José Luís Fiori.

Complementa esta fase o ensaio “Império, território e dinheiro”, reflexões sobre o processo de formação do Estado brasileiro, escrito “em memória” dos 500 anos do descobrimento do Brasil. Dotando uma perspectiva à *la Braudel*, a Mestra refaz uma viagem de redescoberta do Brasil, da Colônia ao último quartel do século XX: da Colônia à Independência na órbita do capitalismo inglês, tendo a escravidão como marca profunda da sua formação; da República, proclamada pelas mãos dos militares, torna-se um território ocupado pelo capitalismo e pelo autoritarismo. Os anos 1970 mostram o sonho e o fracasso da política do Brasil potência e sua inserção subordinada nos anos 1990. Esta, sob a batuta da globalização financeira, comandada pela hegemonia do dólar. O ensaio foi publicado na coletânea organizada por José Luís Fiori, *Estado e moedas no desenvolvimento das nações*.

Por último, definiu-se uma **Fase Recente**, relativa aos acontecimentos dos últimos anos. Segundo ela, esta se configura na maior crise econômica do Brasil desde os anos 1930. Suas inquietações com relação à continuidade da democracia social, conquistada tão arduamente no pacto federativo brasileiro e escrito na Carta Constitucional de 1988, estão explicitadas no artigo “Restaurar o Estado é preciso”, publicado na revista *Inteligência*.

Esta coletânea encerra-se com a construção da **Cronologia** da vida de Maria da Conceição de Almeida Tavares e com um **Caderno de Imagens** com fotos repletas de recordações.

Referência

POSSAS, Maria Sílvia. Maria da Conceição Tavares. *Estudos Avançados*, vol. 15, n.43, p. 389-400, 2001.

